

ATÉ OS CORAÇÕES DE GELO BATEM.

A CAÇADA

NICHOLE GREENE



Table of Contents

Parte 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Parte 2

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

NICHOLE GREENE

A CAÇADA

Tradução: Naiara Chiquetto

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024
Porto Alegre

A Caçada

Copyright © 2022 Nichole Greene

Copyright da Tradução © 2025 Editora Five

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Graziela Lancellotti

Tradução: Naiara Chiquetto

Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Ícones de diagramação: Freepik e wirestock

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

<p>G811 Greene, Nichole. A Caçada [livro eletrônico] / Nichole Greene ; tradução Naiara Chiquetto -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2025. ePub</p> <p>Título original: The Hunt ISBN 978-65-5214-083-8 1. Ficção norte-americana I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD-813.5</p>
--

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

[Início](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

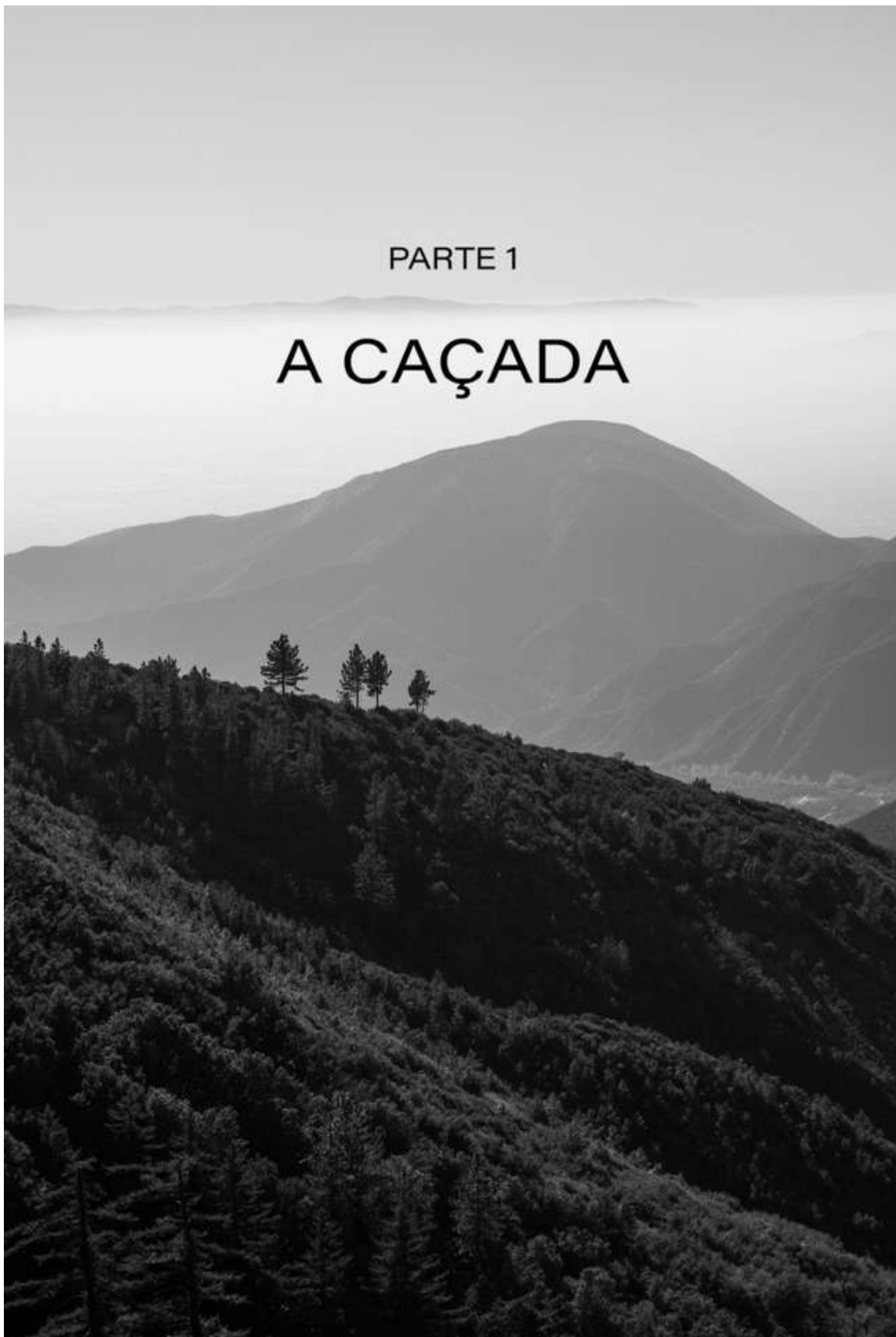
[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

*Aviso:
Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.
Leia com cautela.*

PARTE 1

A CAÇADA





CAPÍTULO 1

VIOLET

O mundo é grande demais para ficar em um lugar só. As palavras ditas pelo orador da turma se repetem na minha cabeça como uma provocação enquanto me levanto e caminho pelo corredor entre as cadeiras para receber meu diploma. Não me dou ao trabalho de olhar para as arquibancadas em busca de um rosto familiar ao apertar a mão do diretor.

Tio John deve estar desmaiado no sofá. Aprendi há muito tempo a não esperar qualquer demonstração emotiva de orgulho ou amor vinda dele. O homem mal tolerou minha presença nos sete anos desde que meus pais morreram em uma avalanche e ele, de má vontade, se tornou meu tutor.

Ele consegue manter o controle durante a temporada de esqui, quando trabalha como instrutor e patrulheiro da atividade, mas assim que a neve começa a derreter, passa os dias e noites bêbado ou chapado. No primeiro ano, meu tio tentou ser uma figura paterna, mas seu ressentimento parecia aumentar junto a cada grau do calor do verão. Ele preferiria estar nos Andes, vivenciando a neve o ano inteiro, em vez de preso com uma órfã triste.

— Mandou bem, Violet! — o sr. e a sra. Rosenbluth, pais da minha melhor amiga, gritam quando meu nome é anunciado.

Se não fosse por Rosie e sua família, não sei o que seria de mim. Eles são a coisa mais próxima de uma família que tive em anos, e meu estômago embrulha de culpa pelo que eu estava pensando antes.

A sra. Rosenbluth se estica para me abraçar quando passo.

— Estamos tão orgulhosos de você, meu bem. Trate de vir jantar com a família amanhã.

— Sim, senhora.

Eu a abraço de volta, grata.

O sr. Rosenbluth é o próximo a me abraçar.

— Greg e Anne estariam muito orgulhosos. Sei que estão te assistindo lá de cima agora.

— Obrigada — digo, meus olhos ardendo com as lágrimas que nunca vou deixar caírem.

Alguém arranca o capelo da minha cabeça no caminho de volta para meu lugar, e eu sinto sua presença antes de vê-lo. West Larson. O valentão. O primeiro melhor amigo que tive. Minha nêmesis.

— E aí, Violet, já trepou com o pai da Rosie? Acho que você devia ter botado um “A” com pedrinhas vermelhas nesse chapéu, sabe, tipo em *A Letra Escarlata*.

Ele falta alto o bastante para chamar a atenção dos outros formandos por perto.

Minhas bochechas ficam coradas de ódio.

— Nossa, como você se esforça pra chamar minha atenção. Não larga do meu pé desde que éramos crianças. Você não servia pra nada na época, e continua não servindo agora.

— Não tenho interesse no lixo da montanha.

— Chega — Cody Matthews, um dos melhores amigos de West e integrante de sua tríade do terror, passa os braços em volta dos ombros dele. — Vamos encerrar logo essa merda e achar umas bocetas antes de irmos caçar.

O jeito que me observa com seus olhos da cor de mel me dá calafrios na espinha.

Circula um boato por aí de que West, Cody e Blake Adamson estão planejando uma caçada para este verão. Já ouvi de tudo, que vai de ser

uma caçada normal a que vão escolher alguém para soltar na floresta e perseguirem como se fosse um animal. Pode não ser nada. Eu me esforço para evitar esses três ao máximo, mas eles dificultam muito, pois sou seu alvo preferido.

Eles fazem questão de me lembrar quem eu sou sempre que a oportunidade surge. Picharam “*lixo da montanha*” no meu armário, furaram os pneus da lata velha que chamo de carro, e, depois de uma noite ridícula em que enchi a cara e ajoelhei para Blake, fizeram as fotos circular pela escola toda no dia seguinte. Fui chamada ao escritório do conselheiro acadêmico e recebi um sermão de que tenho que “me dar ao respeito”. A única coisa que aprendi naquele monólogo é que o patriarcado segue vivo e com saúde em Roaring Forks, Colorado.

Conforme a cerimônia é encerrada, eu me pego olhando para Cascade Peak, a montanha onde meus pais morreram. Penso nas gentilezas que ainda ouço com frequência, essas de que estão me vendo lá de cima, que estão orgulhosos. Mas nada disso ajuda. Eles continuam mortos. E eu continuo sozinha.

Jogamos nossos chapéus para o alto com uma rodada de aplausos e comemorações dos meus colegas animados. Dois bracinhos me abraçam apertado por trás e a voz entusiasmada da minha melhor amiga surge na minha orelha:

— Finalmente! Nunca mais vamos ter que voltar aqui. — Rosie me solta só pelo tempo para eu girar e retribuir o abraço. O cabelo loiro curto dela continua perfeito, não sei como, apesar da umidade e do chapéu. — Vem pra festa do Jacob comigo?

Não estou com vontade de ser vela da Rosie e do namorado dela hoje.

— Não posso. Tenho uma entrevista de emprego amanhã cedinho, quero me preparar — a mentira escapa pelos meus lábios com certa facilidade. Não tenho entrevista nenhuma, mas vou entregar currículo na cidade vizinha, em um clube de campo e alguns restaurantes.

Os olhos dela ficam chateados por um segundo, não tenho dúvidas de que percebeu a mentira, mas aí Jacob a abraça e gira com ela no ar. Ele lhe dá um beijo desajeitado, depois olha para mim e estende o braço

para eu me juntar ao abraço. Passo os braços em volta dos dois enquanto Jacob me dá um beijo de irmão no cocuruto.

— Você devia mudar de ideia e vir pra festa. Todo mundo vai estar lá.

Ele faz o melhor olhar de pidão que consegue.

— Se está achando que me dizer que todo mundo vai estar lá vai me convencer a sair, não sei onde você estava nos últimos quatro anos.

— Qual é, o ensino médio acabou. — Jacob me dá um sorriso de moleque, com covinhas e tudo. — Toda essa besteira ficou pra trás.

Olho por cima do ombro dele, e estou prestes a aquiescer quando vejo que Blake, Cody e West estão me encarando do outro lado do campo. Suas expressões variam de desinteresse frio a crueldade pura. Jacob era a estrela do time de futebol americano junto com Cody, então sempre se deram bem. Ele não consegue entender.

— Ah, não. — Meneio a cabeça com um sorriso meio forçado. — Não quero. Talvez vá jantar com o John.

Um grupo de jogadores se aproxima e puxa Jacob, que arrasta Rosie junto. Ela parece dividida por uma instante, mas aceno um tchau. Vou ficar bem sozinha hoje. Sempre fico.

— Violet — uma voz me chama quando abro a porta do meu carro. É Jessica Larson, mãe do West, correndo pelo asfalto na minha direção. — Que bom que te encontrei.

Ela me envolve em um abraço apertado que retribuo com hesitação. Suas mãos esfregam minhas costas em um gesto que me deixa nostálgica. Jessica e minha mãe eram melhores amigas na infância, e continuaram sendo até o dia em que mamãe morreu. Pela segunda vez em menos de uma hora, preciso piscar para afastar as lágrimas e me apoiar na mãe de outra pessoa.

— Você é tão parecida com ela, sabe. — Jessica me solta e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Odeio que tanto tenha acontecido entre você e Larson... Que vocês tenham se afastado no decorrer dos anos.

— Bom, acho que ele não sente o mesmo. — Eu também não, aliás.

— Não tenho tanta certeza. Semana passada eu estava no quarto dele, ajudando a fazer as malas, e encontrei uma foto de vocês dois de uma

das vezes que a gente foi acampar. Vocês deviam ter nove ou dez anos, eram uns magricelos sorridentes.

Sinto meu coração apertar e sentimentos agriados lutarem para se soltarem dentro de mim.

— West arrancou a foto da minha mão tão rápido, e olha que tentou fingir que não era nada demais, mas guardou de volta em segurança na mesa de cabeceira. Ele está com saudade de você.

Para ser sincera, sinto saudade dele também. Em meus momentos mais sombrios e solitários, me pergunto como teria sido se não tivéssemos brigado. De um jeito nojento, gosto da tortura constante causada por ele e seus amigos, porque pelo menos assim, ele ainda presta atenção em mim. Às vezes, acho isso melhor do que ser ignorada.

— Ele deve usar pra treinar tiro ao alvo — brinco.

— Duvido. — Jessica me dá um sorriso perspicaz. — Mas enfim, não vim falar sobre o West. Encontrei uma caixa na garagem com coisas da sua mãe. Está no meu carro, quer pegar?

— Nossa, sim.

Tenho tão pouco da minha mãe, estou desesperada por qualquer migalha que consiga encontrar.

Jessica me leva até seu carro e abre o porta-malas. Lá dentro, há uma sacola plástica com álbuns amarelados de fotos e uma caixinha de cedro. Quando ergo a sacola nos braços, o peso me faz resmungar; não parecia ser tão pesada.

— Você dá conta? — ela pergunta. — Posso ir chamar o West para carregar.

— Não, imagina. — Ajeito as mãos nas alças. — Tá tudo certo. Só não estava esperando ser tão pesada.

— Pois é, acho que é a caixa de cedro. Está trancada, não consegui encontrar a chave em lugar nenhum.

— Ah, vou procurar e ver se dou um jeito. Muito obrigada.

— Que isso, meu bem. Se precisar de algo, estou sempre aqui.

— Eu sei.

Cumprimento com um aceno de cabeça e dou meia-volta em direção ao meu carro.

O trajeto até em casa parece mais pesado que de costume. Talvez seja porque não tenho ideia do rumo que minha vida está tomando, ou por pensar em perder o último vínculo que tenho com meus pais. Nunca me senti em casa morando com meu tio. O alívio de entrar em algum lugar e me sentir segura e bem-vinda evaporara no dia que descobri que meus pais haviam morrido.

A caminhonete de John não está estacionada na frente do trailer velho que dividimos. Diferente das pontadas de nostalgia que senti antes, ao abraçar os pais da Rosie e Jessica, não sinto nada além de alívio por ele não estar aqui. O cheiro de maconha velha agride meu nariz assim que abro a porta, mas só escuto um silêncio abençoado.

Fiz o melhor que pude para manter o espaço atulhado limpo, mas há garrafas de cerveja e cinzeiros bagunçando a sala. Vou até a cozinha, abro a geladeira e vejo se há algo decente para o jantar, mas só tem álcool e temperos. Encontro um miojo de copinho no armário e decido que é melhor que um sanduíche de pasta de amendoim e geleia.

Enquanto o miojo é preparado no micro-ondas, pego um pacote de lenços desinfetantes e limpo os farelos de alguma coisa que John deixou na bancada antes de sair. Se eu tiver sorte, ele vai passar a noite fora e vou conseguir dormir cedo.



Acordo em algum momento da noite com uma sombra caminhando da porta do meu quarto até o armário. Entro em pânico quando meu nariz e minha boca são cobertos por um lenço com um cheiro horroroso, e o sangue dispara a mil pelas minhas veias. Quando braços grandes e fortes envolvem meus ombros e me puxam junto a um peitoral firme, eu luto para me soltar. Escuto um barulho abafado de movimento vindo do canto, e uma voz conhecida sussurra que está tudo bem, que tenho que relaxar. Nem consigo olhar direito para meu quarto antes que uma onda de escuridão recaia sobre mim.



Quando acordo de novo, uma luz forte brilha pelas minhas pálpebras. Os pássaros estão cantando e eu rolo de lado no solo duro. Pisco algumas vezes contra a luz ofuscante e olho em volta, completamente sem entender por que estou ao ar livre.

Como é que eu vim parar aqui? As últimas coisas de que me lembro são de lavar o rosto e deitar na cama. Vi alguns programas de culinária no YouTube, mas nem me lembro de fechar o notebook.

Então começo a me lembrar em fragmentos. Do medo de ter alguém no meu quarto. De uma mão enorme segurando um pano encharcado sobre meu nariz e boca. Olho para baixo e fico um pouco mais tranquila ao ver que estou vestindo mais roupas do que estava ao me deitar ontem à noite. Uma legging de ginástica e um moletom cobrem meu corpo, mas eu estava só de regata e calcinha ao ir para a cama.

Que nojo, porra.

Alguém me viu quase nua enquanto eu dormia, mas não parece que encostaram e mim. Engulo a bile que essa violação faz subir. Quando sento e fico de joelhos, reparo em uma mochila novinha, e que estou calçando minhas botas de trilha.

Que porra é essa?

Minha cabeça está girando quando me levanto, vou cambaleando até a mochila e puxo uma folha de papel com meu nome dali.

Violet,

Você foi escolhida para participar da caçada. Chegue antes de nós ao cume e pagaremos todas as suas despesas universitárias. Mas se te pegarmos antes, você é nossa.

CORRA!

Nem preciso ver os nomes para saber quem é o responsável por isso. Blake, West e Cody. *Bando de psicopatas pervertidos e arrogantes.* Dou uma olhada pela clareira, tentando encontrá-los. Eles devem estar por perto.

Após um minuto, abro a mochila para ver o que me forneceram. Os itens são todos novinhos em folha, tenho certeza de que top de linha. Há um cantil, uma lanterna, uma caixa de fósforos, uma faca, algumas barrinhas

de proteínas e pacotes de mix de castanhas, corda, e um cobertor. Há ainda um walkie-talkie, no qual há um bilhete escrito à mão na mesma letra do primeiro.

A palavra de segurança é “vocês venceram”. Diga isso no walkie-talkie e a brincadeira acaba. Espere que vamos te encontrar.

Desistência implica em nossa vitória.

De jeito nenhum. Meu rosto está queimando de raiva. Eles acham que eu vou me submeter assim. Boa sorte, garotos. Em todos esses anos, nunca abaixei a cabeça para eles, não é agora que vou começar, porra. Se eles querem uma batalha, teremos uma guerra.

Meus pais morreram trabalhando aqui. Praticamente cresci nessa montanha, pode ter certeza de que a conheço melhor que eles. Dei meus primeiros passos nesta floresta. Aprendi a andar de bicicleta em suas trilhas.

Tomo alguns goles da água gelada do cantil enquanto me preparo. Será que volto pela trilha? Ignoro essa última tentativa de me ferrar? Ou será que enfrento esses otários de cabeça erguida? Não há dúvidas de que o dinheiro seria útil, mesmo na forma de mensalidades universitárias.

Sou tomada por uma confiança calma enquanto me levanto e penduro a mochila nas costas, prendendo a fivela em volta da minha cintura. Dou uma volta no lugar bem devagar.

— Vou adorar arrancar uma grana de vocês, seus escrotos. — Ergo as mãos no ar e mostro os dois dedos do meio. — Vocês nunca vão me pegar aqui.

— *Você tem meia hora de vantagem* — a voz grave de Cody se espalha pelas árvores vinda da minha esquerda. — *Mal posso esperar para sentir o gostinho da vitória.*

A insinuação em suas palavras causam um calor incômodo entre minhas pernas. Como sempre, enfio o prazer das nossas brigas em uma caixa de coisas proibidas. Não sou nenhuma garotinha idiota que romantiza os caras que a atormentam. Não interessa como meu corpo reaja a eles.



CAPÍTULO 2

CODY

Não existe nada tão empolgante quanto assistir Violet Fields aceitar o desafio. Seu cabelo comprido e escuro continua na mesma trança que estava ontem à noite, quando arrombamos a porta do quarto dela. Na verdade, nem precisamos arrombar nada. Entramos pela porta da frente sem dificuldade. O tio fracassado dela continuou desmaiado no sofá, alheio ao mundo, enquanto três caras passavam na sua frente e levavam a sobrinha dele embora bem debaixo do seu nariz.

Precisei de todo meu autocontrole para não quebrar a cara dele por ser tão negligente. Sei que Blake e West ficaram tão enojados quanto eu. Podemos até ter infernizado a vida dela ao longo dos anos, mas nunca colocamos Violet em perigo. Tudo começou no sétimo ano, quando Blake apostou com West para ver quem a beijaria primeiro. Aí ela mandou os dois se lascaram, e se tornou um desafio. O desafio se transformou em uma batalha obstinada, da qual ela nunca recuou.

É inebriante. A resistência dela, sua atitude e determinação de nunca nos deixar vencer. Moramos em uma cidade em que conseguimos tudo que queremos sem precisar levantar um dedo, é bom termos de nos esforçar um pouco. Ela talvez sinta repulsa ou fique irritada com as coisas que fazemos, mas nas vezes em que estamos só nós dois sozinhos,

é diferente. Não temos a mesma história que ela tem com West e Blake, mas há química entre nós.

Seu espírito combativo está à mostra enquanto ela observa as árvores, procurando por um vislumbre nosso. Não consigo evitar provocá-la quando ela mostra os dois dedos do meio para nós e sai em uma corrida lenta trilha acima. Violet não sabe ainda, mas não vai vencer. Coloquei um fundo falso em um dos bolsos da mochila, onde guardei um rastreador Airtag.

Nosso objetivo sempre esteve definido. Queremos passar este verão com ela, e foi desse jeito perturbado que decidimos fazer isso. O plano é deixarmos ela chegar perto do cume e só então abordá-la. Queremos que ela esteja achando que vai vencer antes de sairmos das sombras. Que sintam a emoção da conquista antes de a reivindicarmos.

Ela vai ficar puta e fingir que nos odeia, mas a gente sabe a verdade. Já notei sua respiração entrecortada quando a provoco com toques leves e palavras cruéis. Já vi seus olhos vagarem por Blake quando ela acha que ninguém está olhando, sem dúvidas se lembrando do quanto adorou chupar o pau dele.



Meu pau se anima quando vejo Blake empurrar Violet contra a parede. A saia jeans escura que ela veste contrasta com a coxa pálida sob o luar que ilumina o quarto de Blake. Ele espalma as mãos nos peitos dela por baixo da blusa, e finalmente empurra o tecido para cima e nos dá a melhor vista do mundo, cacete. Ela solta um choramingo muito bonitinho quando Blake belisca seus mamilos.

Olho para West, que parece dividido entre querer botar o pau para fora e arrancar Violet dos braços de Blake. A veia que sempre salta na testa dele quando está furioso pulsa, e ele cerra a mandíbula com tanta força que tenho certeza de que escuto seus dentes rangerem.

— Tá molhadinha pra mim, Violet? — Blake pergunta a ela, alto para ouvirmos de onde estamos escondidos.

A mão dele agora está por baixo da saia, não dá para ver, mas o jeito como ela arqueja e inclina a cabeça para trás nos diz tudo que precisamos saber.

Aquele desgraçado sortudo está brincando com a boceta dela.

Violet responde, mas em uma voz baixa que não conseguimos ouvir.

Ele desliza os lábios pela mandíbula dela e sussurra em seu ouvido, e enquanto isso continua estimulando-a com a mão. Violet assente e corre as mãos pelos próprios quadris, por baixo da saia. Preciso morder a boca até sentir o gosto do sangue quando ela abaixa a calcinha.

West rosna ao meu lado, sua paciência está acabando. O plano era Violet dar um boquete em West, não os dois fazerem de tudo menos trepar. A gente quer filmar e mostrar para a escola toda. Alguns caras do time de futebol americano estão querendo chamá-la para sair. Este é nosso jeitinho de garantir que todos a considerem proibida.

Aperto meu pau quando ela se ajoelha. Até eu estou com um pouco de inveja de como ela olha para Blake ali de baixo. O moleque é bonito, os genes que herdou da mãe o fazem parecer uma estrela de K-Pop. Ele tira a camisa, mostrando a pele tão clara quanto a dela ao luar, mas enquanto a dela é macia, ele é todo feito de músculos magros esculpidos por muitos anos jogando futebol e praticando atletismo. Às vezes, me pego olhando para Blake e questionando se sou meio gay, ou se ele é só gostoso pra caralho mesmo.



Nunca fiquei tão duro quanto naquela noite, espiando de um canto escuro do quarto de Blake. O jeito que os dedos dela apertaram os quadris dele enquanto o chupava, o cabelo preto cascadeando em ondas pelas costas. Passei meses pensando nos engasgos entusiasmados dela todas as noites com o pau na mão, desejando a boca dela em mim. Ainda sonho em comer Violet por trás, com o punho enrolado no cabelo dela.

— Cody. — Uma pedra me acerta no peito e me arranca da fantasia. — Bora.

Blake e West já estão esperando na trilha.

— A gente disse que ia deixar ela sair na frente.

Eu me afasto da terra batida irregular da trilha dos ciclistas.

— E daí? — West dá de ombros. — Desde quando a gente faz o que diz que vai fazer quando se trata dela?

O comportamento dele com relação à Violet oscila tanto que é até difícil para Blake e eu acompanharmos. West é quem a conhece há mais tempo, os pais dele eram bons amigos dos dela, mas aconteceu alguma coisa ruim entre os dois na época em que os pais da Violet morreram. Ele nunca nos contou nada, e é mal humorado demais até nos melhores dias. Nem eu nem Blake ficamos muito a fim de perguntar.

— Bom, isso é verdade. — Blake olha na direção que Violet partiu. — Não quero que ela se afaste muito, e se acontecer alguma coisa?

— Ela é inteligente e capaz. Vai ficar bem — West conclui. — Na verdade, ela deve até conhecer atalhos pro cume, então precisamos ficar perto por isso.

Faz sentido. Embora os pais dela tenham morrido naquela avalanche, Violet continuou esquiando e mantém um estilo de vida ativo nas montanhas. Deve ser o único elogio que o tio dela merece. Ele não deixou que ela vivesse com medo da natureza e seus perigos.

West assume a dianteira pela trilha, com Blake no meio e eu atrás. Sou mais alto e largo que os dois, então vasculho a floresta com facilidade, mesmo daqui de trás. West assume um ritmo rápido ao caminhar pelas árvores.

— Vocês também ficaram com dó dela ontem? Todo mundo saiu pra comemorar com a família depois da colação, e ela foi praquele trailer de merda. Provavelmente sozinha, porque eu vi o tio dela enchendo a cara no bar.

— Ela não ia gostar da nossa pena — West diz por cima do ombro.

— Não, mas eu vi os olhos dela encherem de lágrimas várias vezes durante a cerimônia. Deve ter sido difícil — Blake diz.

West para e se vira para nós.

— Minha mãe disse que falou um pouco com ela no estacionamento. Ela encontrou uma caixa com coisas da mãe da Vi no porão. Espero que não tenha passado a noite remexendo em tudo e ficando mais triste ainda.

— Talvez a gente devesse ter procurado ela ontem.

— Não. Ela nem teria deixado a gente entrar pela porta.

West se vira e volta a caminhar.

Troco um olhar carregado com Blake, antes de ele se virar e acompanhá-lo. Caminhamos em um silêncio confortável, e fico de olho no rastreador pelo celular. É bom estar na montanha, fazer trilha no meio do mato. Ainda é primavera, então o clima oscila bastante, mas o dia hoje está quente e não há nuvens no céu azul que espia pela copa das árvores.

O som de um graveto quebrando às minhas costas me faz virar a cabeça. Um homem em calça cargo velha e várias camadas de camisas puídas está subindo a trilha atrás de nós. Pelo cabelo comprido e barba cheia malcuidada, parece ser um morador de rua, mas aqui na montanha nunca se sabe. Seus olhos são escuros, e a pele macilenta. Mas a coisa mais peculiar é que ele não está levando mochila.

— Meio cedo na temporada pra iniciantes subirem a montanha, né? — ele pergunta aos nos alcançar.

O homem fede demais, parece até que nunca viu um sabonete, e está me passando uma impressão tão ruim que deixa meus sentidos em alerta.

— Não tem iniciante nenhum aqui. — Embora West use óculos escuros espelhados, sei que está avaliando o cara tanto quanto eu.

A resposta de West o faz sorrir, e quando os lábios se repuxam, exibem dentes apodrecidos e outros faltando. Pelo menos agora sei porque meus sentidos ficaram em alerta máximo: a julgar pela boca, esse cara tem um vício grave em metanfetamina. Reconheço bem, tivemos que demitir seis funcionários do rancho há alguns anos, quando uma quadrilha de metanfetamina entrou em atividade na cidade vizinha a Roaring Forks. Quando ele parte na mesma direção que Violet, todos ostentamos a mesma expressão preocupada, e não podemos deixar que esse cara chegue perto dela.



CAPÍTULO 3

VIOLET

Já fazia um tempo que eu não subia por este lado da montanha. O terreno é bem mais íngreme e difícil de percorrer que do outro, com suas reentrâncias menores e vales antes de sequer chegar à encosta do cume principal.

Paro para tirar o moletom e tomar outro gole de água. Minha língua está grudando e a garganta está seca como efeito de sei lá o que usaram para me nocautear ontem. Não sei o que era, e nunca mais quero viver isso de novo.

Minha pele quente fica arrepiada quando a brisa fresca da manhã sopra ao meu redor. Escolho um tronco caído onde sentar na floresta tranquila. Píceas-azuis e bordos-da-montanha ladeiam a ravina que estou acompanhando, e um ou outro álamo interrompe a monotonia verde com o contraste de seus troncos brancos. O solo da floresta está coberto de agulhas caídas dos pinheiros e terra avermelhada. Todos os aromas se mesclam para espalhar no ar uma combinação de terra, pedra molhada e madeira.

Para mim, sempre houve uma relação direta entre este cheiro e as lembranças dos meus pais. Meus dedos dançam no colar da minha mãe que uso pendurado no pescoço. É apenas uma corrente dourada delicada com uma única pérola, muito simples, mas ela usava todos os

dias. Tinha sido um presente do meu pai de quando eles fugiram para casar no México. Eu nunca o tiro, e acho bom que os caras nunca mexam com ele.

Um corvo pousa no tronco ao lado da minha mão. Seus olhinhos de contas encaram os meus quando viro o rosto para vê-lo, e, de um jeito estranho, parece que o pássaro está me dizendo para seguir em frente. Ou talvez eu ainda esteja meio drogada.

Eu me levanto de má vontade, estou com os músculos doloridos de ter dormido no chão, e um grunhido considerável escapa dos meus lábios ao me alongar para aliviar a tensão. Abaixo o torso, mantendo as pernas esticadas, e seguro meus tornozelos, muito ciente da falta de suporte nos meus seios por baixo da regata. Eu até gostaria de dar créditos a eles por não terem tentado colocar um top em mim, mas duvido que saibam vestir aquilo, só devem saber tirar. Além disso, se estiverem me seguindo de perto, devem estar gostando da vista.

Não vejo ninguém quando olho para as árvores atrás de mim. Se eu não os tiver despistado, estão muito silenciosos. Peguei uma trilha natural, em vez de uma das artificiais, depois da primeira clareira. Mas eles têm o Cody, e eu sei que ele tem um excelente senso de direção por ter crescido no rancho.

Atravesso o córrego a cada poucas jardas em uma tentativa de não deixar pistas óbvias, e olho para todos os lados em busca de sinais de que os caras estão se aproximando. Sei que há uma cachoeira mais acima e que o córrego se abre em um vale. Se tivesse que dar um palpite, estou a uma hora de distância. Depois disso, terei que descobrir um jeito de escalar o penhasco.

Os caras não me deram nenhum equipamento de segurança, e não sou muito boa em escalada *Boulder* feita sem nada. Talvez encontre uma trilha que possa usar. De qualquer forma, não há motivos para me concentrar em qualquer coisa além do meu entorno imediato.

Estou bem no meio do território das pumas, e a faca que me deram não vai servir para nada se eu decidir que eu tenho cara de ser uma refeição deliciosa. Minha respiração está controlada e baixa quando escalo um tronco caído de árvore, o que me permite ficar em sintonia

com a floresta ao meu redor, mas também olho sempre para as rochas, garantindo que eu não esteja sendo observada de cima.

Enquanto sonho acordada com como vai ser bom receber o dinheiro dos caras e dar o fora dessa pocilga, escuto um som vindo da minha esquerda. Entro no meio de duas rochas e prendo a respiração. Pode ser qualquer outro montanhista, ou podem ser eles. O coração começa a bombear meu sangue mais depressa e uma onda de náusea embrulha meu estômago.

Recuo mais para dentro do espaço entre as rochas quando um homem surge do outro lado do córrego. A princípio, fico aliviada por não ser nenhum dos caras, mas aí percebo que está se comportando de um jeito muito esquisito. Ele para diante do córrego e olha nas duas direções, como se estivesse procurando alguém. O homem está meio acabado, parece ser alguém que passa muito tempo ao ar livre. O rosto é marcado por linhas fundas, que provavelmente o envelhecem de forma prematura.

Sei que deveria ficar feliz por não ser West, Blake ou Cody, mas sinto uma vontade absurda e muito louca de correr na direção deles, como se fossem a opção mais segura. Fico observando entre as duas placas gigantes de granito quando o homem volta a subir a montanha, tomando a mesma direção que eu teria tomado.

Afasto essas ideias tolas da cabeça. Está óbvio que ando ouvindo podcasts de crimes reais em excesso e vendo perigo onde não há. Todas aquelas teorias da conspiração sobre as pessoas que moram no meio da selva em parques nacionais e florestas não passam de lorota. Meus pais eram guardas florestais federais, eles saberiam se fosse verdade.

Tiro o cantil da mochila, tomo um grande gole, e guardo no lugar. Mas tomo o cuidado de ficar para trás do montanhista solitário esquisitão, só para garantir. É um ritmo difícil de manter: lento o suficiente para ficar para trás dele, mas rápido o bastante para continuar na frente dos caras.



CAPÍTULO 4

WEST

— Cadê ela? — Blake pergunta para Cody pela centésima vez em menos de uma hora.

— Não sei, deve ter caído da montanha.

Cody me olha com as sobrancelhas exageradamente arqueadas.

— Não tem graça. — Blake para de andar e se vira de frente para nós. — Nós somos os responsáveis pela segurança dela aqui. Gosto de azucrinar a Violet tanto quanto vocês, mas nem por isso quero que ela se machuque.

Eu quero. Contanto que seja eu que a machuque.

Blake olha na direção que o homem que passou por nós horas atrás tomou.

— Aquele sujeito me deu calafrios.

— Está tudo bem. — Avanço na trilha e passo por Blake. — Vou assumir a dianteira e a gente vai acelerar um pouco. Ela deve estar só a um quilômetro e meio na nossa frente, mais ou menos, se gritar a gente deve ouvir.

A parte que guardo para mim é que meus instintos estão berrando comigo para a alcançarmos logo.

Somos todos altos e atléticos. Violet é baixinha e curvilínea. Cacete, aquela bunda fica mais incrível a cada dia que passa. Ela não vai

conseguir ser mais rápida que a gente. Mas vai ser bonito vê-la tentar. Passo o piercing que tenho na língua pelos dentes, lembrando de sua pele macia enquanto eu a vestia ontem. Antes da noite passada, fazia anos que eu não a tocava. Poderia ter ficado assim a noite inteira, acariciando as estrias quase invisíveis de seus quadris e memorizando o desenho das sardas e pintas que pontuam sua barriga.

Ela provavelmente odeia todas as partes de si que eu quero venerar. Fico irritado com a forma como ela tenta esconder as próprias curvas, embora não consiga, porque não é possível escondê-las. Cada vez que a via caminhando pelos corredores com um moletom enorme e calça jeans larga, não conseguia evitar fazer comentários mordazes sobre estar mal vestida ou parecer relaxada.

Lembro de quando fizemos aula de oratória juntos e precisávamos nos vestir com roupas formais. Quando Violet chegou para a leitura de seu ensaio argumentativo sobre canudos de plástico *versus* de papel, ou alguma droga desse tipo, todos os imbecis naquela aula viraram para olhar. Ela estava usando um dos vestidos de sua mãe, todo preto com barra logo acima dos joelhos. Ficava um pouquinho justo nela, mas tenho certeza de que o otário do tio não se dava ao trabalho de levá-la para fazer compras e que ela teve que se virar com o que tinha. Quebrei o nariz de Clay Meyers depois da aula naquele dia, porque ele comentou que ia chamá-la para sair.

Depois daquela noite, Cody, Blake e eu a reivindicamos. Dissemos para a escola toda que ela estava proibida. Nada de namorado. Nada de pares para os bailes da escola. Nada. Nós a desejávamos com a mesma intensidade com que a odiávamos por causar discórdia entre nós. Os outros dois estavam apaixonados por Violet, mas não tinham a mesma história que eu tinha com ela. Não conseguíamos chegar a um consenso de quem deveria ficar com a garota. Então mais ninguém ficaria.

Acho que Violet nunca descobriu que demos aquela ordem. Parecia mais que ela não se importava, que mal podia esperar para dar o fora da nossa cidadezinha montanhosa. De certa forma, eu entendo. Ela não foi mais a mesma desde que os pais morreram, e aposto que o cuzão do tio não ajudou em nada.

Nunca vou me esquecer de quando ela me olhou nos olhos e disse que não tinha lhe sobrado nada por aqui. Senti um buraco surgir no meu peito quando ela me contou em detalhes seus planos para fugir. Minha melhor amiga de longa data ia me deixar para trás, como se nossos onze anos de amizade e todas as lembranças não importassem. Foi aí que ergui minhas muralhas e endureci meu coração para ela.

Quando fui para casa naquele dia, contei tudo à minha mãe. Ela ligou para o xerife, e eles encontraram Violet na rodovia, tentando pedir carona em direção a Durango. Minha mãe a trouxe para jantar em casa naquela noite, ela se sentou na minha frente e me olhou feio com olhos vermelhos de tanto chorar, vítreos. Eu olhei feio de volta.

Decidi naquele momento que, se ela queria destruir a própria vida, eu não iria assistir sentado. Iria alimentar sua dor e ódio até que fossem tão ardentes quanto os meus. Eu a cortei da minha vida, mas fiquei por perto. Acompanhei cada movimento seu por trás de uma fachada de indiferença. Em determinado momento, me perguntei se eu a levaria ao limite, se a forçaria a voltar para mim, mas a cada dia a separação se solidificava e o abismo entre nós aumentava.

— Merda — Cody diz, me segurando pelo ombro. — Alerta de enchente em Forks Valley.

Olhamos para cima e vemos que o céu escureceu depressa com nuvens cinzentas e ameaçadoras. Todos damos uma espiada no rastreador por GPS que Violet não sabe que está levando. O pontinho indicando sua localização mostra que ela está bem em uma ravina que sem dúvidas vai alagar.

— Puta que pariu — Blake murmura. — É por isso que a gente devia ter deixado ela levar o celular.

Sem o alerta de enchente, Violet não vai saber que está em perigo, mesmo com as nuvens que se aglomeram no céu. Ela é inteligente, mas não faz ideia do que está vindo. Tiro a mochila dos ombros e a entrego para Cody.

— Eu sou mais rápido. Vou correr e garantir que ela fique segura.

Cody e Blake trocam um olhar de preocupação. Eles sabem que tenho razão, mas estão com medo de eu estragar tudo com meu

temperamento. Não posso prometer nada, é bem possível que estrague mesmo.

Blake assente na direção em que ela está.

— Vai.



Um raio corta o céu e o trovão rimbomba vários segundos depois. Continuo olhando para frente enquanto minhas pernas encurtam a distância entre eu e o pontinho vermelho que marca a localização da Vi. Ela está andando rápido, mas não o suficiente para escapar de mim.

Minha mente dispara com ideias de como fazer com que confie em mim. Vai ser difícil. Nós deixamos que ela acreditasse que a odiamos. Se eu tiver sorte, ela continua sendo a garota que meu coração conhece tão bem, embora o dela esteja fechado para mim.



— *Um! Dois! Três! Aqui vou eu!* — grito ao abrir os olhos.

Uma olhada rápida pelo quintal de Violet, com portão dos fundos balançando de leve na brisa morna do verão, me dá pequenas pistas de onde ir primeiro. Corro pelo portão e salto sobre a poça que fizemos brincando com o regador da mãe dela. O fundo das casas na nossa rua dão para a Floresta Nacional, e há muitas trilhas populares aqui por perto.

Paro para pensar em qual direção ela iria. Uma dá para um campo de flores silvestres que ela adora, mas essa me parece a escolha mais óbvia. Vi nunca faz a escolha mais óbvia. Ela sempre me faz adivinhar qual será seu próximo raciocínio ou ideia. Depois de seus abraços e o fato de que sempre está com cheiro de cereja, essa é a coisa que mais gosto nela.

Cascalho solto rola sob meus pés quando corro pela outra trilha. Esta é mais íngreme, então me seguro nos troncos das árvores e galhos para me impulsionar. Mal consigo ouvir qualquer coisa com o vento nos meus ouvidos, então paro para escutar. Um galho estala à minha direita, e escuto a risadinha inconfundível dela.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Caçada"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).